

TOTONYA E RAMI: INTERSECÇÕES CULTURAIS E PROTAGONISMO FEMININO

TOTONYA AND RAMI: CULTURAL INTERSECTIONS AND FEMALE PROTAGONISM

Esperança Madalena Luieca Ferraz

Faculdade de Artes, Angola

E-mail: luiecaferraz@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4956-1939>

RESUMO

Este artigo analisa as intersecções culturais na representação de Totonya e Rami, protagonistas, respectivamente, dos romances Totonya, de Rosária da Silva, e Niketche: Uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. O propósito é compreender como as personagens enfrentam violência conjugal, subalternização e dependência económica, e como convertem deslocamento, solidariedade feminina e trabalho em formas de agência. Adoptou-se uma abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e comparativa, apoiada na leitura interpretativa dos dois romances e de estudos sobre personagem, tradição oral, género e literaturas africanas de língua portuguesa. A análise organizou o corpus em quatro categorias: conjugalidade e violência; tradição, religião e direito costumeiro; mobilidade espacial; e autonomia económica e solidariedade. Os resultados mostram que ambas partem de posições urbanas marcadas pela monogamia e pela centralidade do casamento, atravessam territórios culturais desconhecidos e reconfiguram a própria identidade. Totonya rompe o ciclo de violência ao regressar a Luanda com os filhos e sustentar-se pelo trabalho; Rami transforma a rivalidade entre as mulheres de Tony numa rede de reconhecimento e emancipação económica. Conclui-se que as narrativas não apresentam tradição e modernidade como pólos fixos: expõem os usos patriarcais da cultura e, simultaneamente, recuperam saberes comunitários como recursos de negociação. A originalidade do estudo reside na comparação transnacional das trajectórias figurativas, evidenciando convergências entre Angola e Moçambique e diferenças nas estratégias de saída, resistência e reconstrução subjectiva.

Palavras-chave: intersecções culturais; escrita feminina; protagonismo feminino; tradição oral; emancipação.

ABSTRACT

This article analyses cultural intersections in the representation of Totonya and Rami, the respective protagonists of Rosária da Silva's Totonya and Paulina Chiziane's Niketche: A Story of Polygamy. It aims to understand how the characters face marital violence, subordination and economic dependence, and how they turn mobility, female solidarity and work into forms of agency. A qualitative, bibliographical, documentary and comparative approach was adopted, based on interpretive readings of the two novels and studies on character, oral tradition, gender and Lusophone African literatures. The corpus was examined through four categories: conjugality and violence; tradition, religion and customary law; spatial mobility; and economic autonomy and solidarity. The results show that both women begin from urban positions shaped by monogamy and the centrality of marriage, cross unfamiliar cultural territories and reshape their identities. Totonya breaks the cycle of violence by returning to Luanda with her children and supporting herself through work; Rami turns rivalry among Tony's partners into a network of recognition and economic emancipation. The study concludes that the narratives do not portray tradition and modernity as fixed opposites: they expose patriarchal uses of culture while reclaiming communal knowledge as a resource for negotiation. Its originality lies in the transnational comparison of these figurative trajectories, highlighting convergences between Angola and Mozambique and differences in strategies of departure, resistance and subjective reconstruction.

Keywords: cultural intersections; women's writing; female protagonism; oral tradition; emancipation.

1. INTRODUÇÃO

A escrita literária de autoria feminina constitui um espaço de poder, denúncia e interpelação das desigualdades que atravessam a vida das mulheres. Ao representar o quotidiano, a narrativa torna visíveis a violência física e psicológica, o silenciamento, a dependência económica e as exclusões sociais e políticas produzidas por relações conjugais assimétricas. Em vez de reduzir as mulheres à condição de objecto narrado, autoras africanas contemporâneas inscrevem-nas como sujeitos de memória, deslocamento e decisão.

Este artigo toma como corpus os romances Totonya, da angolana Rosária da Silva, e Niketche: Uma história de poligamia, da moçambicana Paulina Chiziane. As obras acompanham protagonistas urbanas cujos casamentos entram em crise perante a infidelidade, a violência e a ausência dos maridos. Totonya deixa Luanda e vive em Benguela; Rami percorre diferentes regiões de Moçambique em busca

das mulheres e dos filhos de Tony. Esses itinerários físicos tornam-se também percursos de aprendizagem cultural e reconstrução subjectiva.

A relevância da comparação decorre de uma história literária partilhada. As literaturas angolana e moçambicana desenvolveram-se sob experiências coloniais e pós-independência relacionadas, conservando convergências temáticas e formais, embora resultem de sociedades culturalmente diversas (Ferreira, 1989; Laranjeira, 1995; Margarido, 1980; Topa, 2023). A perspectiva feminista e decolonial permite interrogar os modos como a crítica, a historiografia e a formação de leitores delimitam o cânone e interpretam as vozes femininas (Martins, 2024).

A personagem é um elemento estrutural do romance, responsável por tornar inteligível a acção ficcional. A protagonista concentra o núcleo da narrativa e deve manter coerência entre personalidade, decisões e transformação (Leite, 1987). Em Totonya, o nome da personagem dá título à obra; em Niketche, Rami é identificada desde a abertura, quando as vizinhas a chamam diante de um incidente: “Rami! — O que foi?” (Chiziane, 2002, p. 11). A focalização sobre ambas permite observar como a identidade é produzida na interacção entre experiência individual e códigos comunitários.

A representação da mulher africana exige cautela perante generalizações. A tradição oral atribui às mulheres funções decisivas na preservação dos valores, na educação dos filhos e na coesão social, embora estruturas patriarcais possam silenciá-las (Altuna, 2014). Oyěwùmí (2000) alerta que categorias como “mulher” e “esposa” não devem ser transpostas mecanicamente para todas as sociedades africanas: esposa pode designar uma posição relacional de subordinação, enquanto a maternidade confere reconhecimento e estatuto próprios.

Neste quadro, pergunta-se: de que maneira Totonya e Rami mobilizam saberes culturais, deslocamento territorial, solidariedade e trabalho para enfrentar a subalternização conjugal? O objectivo geral é analisar as intersecções culturais na construção figurativa das protagonistas. Especificamente, pretende-se identificar as formas de violência e dependência; comparar a relação com tradição, religião e direito costumeiro; examinar o papel da mobilidade espacial; e compreender as estratégias de autonomia e solidariedade feminina.

Sustenta-se que os romances não opõem simplesmente tradição e modernidade. Em ambos, as protagonistas entram em contacto com repertórios cristãos, animistas, jurídicos, familiares e terapêuticos; alguns reproduzem a autoridade patriarcal, enquanto outros fornecem linguagem e alianças para resistir.

A comparação desloca, assim, a leitura do sofrimento individual para as redes culturais que condicionam e também possibilitam a agência.

2. METODOLOGIA

A investigação é qualitativa, bibliográfica, documental e comparativa. A pesquisa bibliográfica fundamenta os conceitos de personagem, protagonismo, tradição oral, género e literatura africana de língua portuguesa; a pesquisa documental incide sobre os romances, tratados como corpus primário. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a metodologia articula procedimentos e técnicas capazes de conferir validade e utilidade à construção do conhecimento. Rauen (1999) distingue a revisão de literatura da investigação documental propriamente dita; neste estudo, as duas operações são complementares.

O corpus é constituído por Totonya, na terceira edição publicada por Edições Oz em 2014, e Niketche: Uma história de poligamia, publicada pela Caminho em 2002. A selecção baseou-se em quatro critérios: autoria feminina africana de língua portuguesa; centralidade de uma protagonista; representação do conflito conjugal; e presença de deslocamentos entre espaços urbanos e repertórios culturais regionais. A leitura comparativa não pretende equiparar Angola e Moçambique, mas observar convergências e diferenças narrativas situadas.

Realizou-se uma leitura integral e interpretativa das obras, seguida da identificação de episódios relacionados com quatro categorias: conjugalidade, abandono e violência; tradição, religião e direito costumeiro; mobilidade espacial e aprendizagem cultural; e trabalho, autonomia económica e solidariedade. Os excertos seleccionados foram confrontados com a bibliografia crítica, especialmente Ferraz (2020, 2023), Altuna (2014), Mata e Padilha (2018) e Oyěwùmí (2000). A unidade de análise é a trajectória da protagonista, observada por meio de acções, fala, focalização e relações com outras personagens.

A comparação foi conduzida em três etapas. Primeiro, descreveu-se a posição inicial de cada protagonista no casamento e no espaço urbano. Depois, examinaram-se os acontecimentos de ruptura e os contactos com redes femininas, familiares e religiosas. Por fim, contrastaram-se os desfechos de autonomia, considerando a diferença entre afastamento do lar violento, no caso de Totonya, e reorganização colectiva da poligamia informal, no caso de Rami. Por se tratar de análise literária, os resultados dizem respeito às representações do corpus, não constituindo generalizações empíricas.

3. RESULTADOS

3.1. Protagonistas, conjugalidade e violência

Ferraz (2020) salienta que Totonya é o retrato de uma mulher educada em conformidade com os costumes tradicionais culturais africanos em Angola, nesse ínterim, cuida da sogra como uma mãe, e ainda que se sinta traída por esta, ao descobrir, que ela recebe a outra mulher que o marido estava de namoro em uma província do sul de Angola. Enquanto vivia na casa da nora, numa cidade desconhecida por ambas, a sogra muitas vezes fingia defendê-la nos momentos em que seu filho Quim maltratava a esposa, violentando-a física e psicologicamente, diante dos filhos menores a partir do surgimento da antagonista Joana que recebia a sogra em sua casa.

Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. Os seus antigos namoricos eram como chuva miúda caindo sobre os guarda-chuvas, não me atingiam. Agora danço a solo num palco deserto. Estou a perdê-lo. Ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo, que lhe chovem aos pés como diamantes.

3.2. Tradição, religião e mediação familiar

Na resolução de reaver o marido, as figuras femininas que personificam as mulheres, Totonya e Rami, num primeiro instante, são apresentadas como personagens criadas nas zonas urbanas, desconhecedoras da cultura tradicional oral, no entanto, à medida que adentramos no interior do enredo a partir do lugar de fala, elas se vão redescobrimo na revelação significativa das problemáticas conjugais que as levam a posicionar-se dentro do mundo imaginário sincrético religioso e da crença animista.

3.3. Mobilidade, trabalho e emancipação

4. O empoderamento de Totonya

Ao tomar a decisão de subir no avião com os filhos pequenos e partir para uma terra que não conhecia, nem mesmo o endereço correcto da casa para onde se dirigir, com o intuito de surpreender o esposo ausente do lar, ainda que por motivos profissionais, faz com que Totonya protagonize um acto de mulher vencedora, que não tem receio do que a vida lhe irá apresentar. Trata-se de um confronto de costumes culturais, em um ambiente desconhecido de tradições onde terá que superar obstáculos para poder continuar a sua caminhada de vida, desde o momento que perde o quarto filho, nascido de forma

prematura e morre, o que faz com que a protagonista regresse a Luanda para se libertar do luto junto da família, aspectos da cultura em alguns grupos culturais.

A vida de Totonya é marcada por subalternidade, falta de afecto na relação conjugal, violência física e psicológica, onde a personagem está sujeita ao silêncio, a mulher sem voz, o seu lugar de fala é de mulher-objecto. Totonya representa, ao mesmo tempo, uma mulher moderna, casada com identidade profissional de mulher-sujeito, que a maternidade não interrompeu até ao terceiro filho a sua actividade estudantil e de professora primária, empreendedora, que buscava comprar nas lojas e revender produtos para obter lucros e ajudar na sua renda familiar, actividade que a ajudou no sustento dos filhos quando o marido resolveu deixar de dar o necessário dentro de casa.

Como mãe, exprime a atitude de quem luta pela sua independência na promoção do feminino que governa a si mesma e demonstra um posicionamento forte da mulher actual da sociedade contemporânea, que vem romper a mística de mulher-sujeito dependente do salário do homem e o de relegar a mulher simplesmente doméstica.

Com o seu pequeno negócio, a figura da protagonista no enredo, depois de tanto silêncio, diante dos parâmetros culturais na qual tentou reverter a situação de esposa subalterna e difamação por parte do seu cônjuge, é que da mesma forma que surgirá em Benguela, toma a atitude de uma mulher guerreira, determinada a tomar a posse de combatente na progressão do seu futuro com os filhos, em que rompe com as normas tradicionais, abandonando a competição do estatuto de casada e na valorização do prestígio da pessoa humana para manter-se viva, coloca-se em avião e regressa para Luanda.

4.1. Da monogamia à poligamia: uma descoberta de paz

Rami quer ter paz e como uma mulher sábia que deseja a paz na sua vida conjugal, resolve fazer amizade de parceria com as mulheres de seu marido, nos costumes culturais de tradição oral, como primeira esposa ela devia fazer o casamento das outras, legalizando-as, ao mesmo tempo que as empoderou diante de um marido machista que não as sustentava tornando-as independentes financeiramente, apresentou as habilidades na profissão de cada uma, o que fez com que se libertassem do jugo subalterno de dependência, em que essas mulheres se encontravam presas fruto da tirania patriarcal e cultural dos costumes orais (Ferraz, 2020).

3.4. Intersecções entre Totonya e Rami

Totonya ao longo da história se apresenta como uma mulher subalterna, conformada com a violência doméstica, tanto física quanto psíquica, que enfrentava um lar conturbado, aceitava o abuso do seu cônjuge, no entanto, a força motriz de sustentar os seus filhos e retirá-los de um lar conflituoso faz com que a protagonista aprenda a sobreviver de pequenos negócios, comprava para a revenda e assim aproveitava os seus lucros, sem deixar de trabalhar como professora, muito embora o salário fosse considerado muito pouco, dá um jeito e sobrevive como uma mulher empoderada que consegue seu auto-sustento e renova-se com a tentativa do pedido de transferência não efectuado, em decorrência das chantagens advindas por parte do marido adúltero, ela parte com os filhos de regresso para a sua terra natal em busca de paz, abandonando tudo o que um dia possuía como privilégio material de uma mulher de classe média.

Rami, ao se deparar com a realidade de sua vida, uma mulher que teve que entranhar nos preceitos que rege a gestão de um casamento polígamo, se aventura a entrar para o mundo tradicional da cultura oral se redescobrimdo através das lições culturais, onde se aventura tirando partido do poder que as mulheres possuem em sua força motriz, que as faz enfrentar situações adversas quando se trata da protecção dos filhos, se apresenta como uma mulher solidária, fazendo com que as outras mulheres do seu marido também se empoderem e surge como financiadora destas, com a proposta de emprestar dinheiro às outras mulheres do marido ao mesmo tempo em que resolve tratá-las como irmãs, em conformidade com os procedimentos culturais, faz com que cada uma delas descubra o poder que possuíam e que é possível se libertar de uma teia de que o mundo em que viviam era o melhor porque estariam perdidas sem o marido polígamo, em que estavam subjugadas por um matrimónio fora da sua expectativa dentro daquilo que era a educação urbana.

Tabela 1

Síntese comparativa das trajetórias de Totonya e Rami

Dimensão	Totonya	Rami
Espaço	Luanda–Benguela–Luanda	Maputo e percurso por Moçambique
Conflito	Violência física, psicológica e económica	Ausência, clandestinidade e abandono material
Mediações	Família, vizinhança, cristianismo e cura tradicional	Família, parceiras, religião, cura e aconselhamento

Agência	Trabalho, comércio e saída do lar	Aliança, reconhecimento e apoio económico
Desfecho	Regresso com os filhos	Reorganização colectiva das relações

Nota. Elaboração da autora com base em Silva (2014) e Chiziane (2002).

4. DISCUSSÃO

A análise evidencia que Totonya e Rami condensam conflitos entre modelos urbanos de monogamia, repertórios comunitários de parentesco, crenças religiosas e práticas tradicionais. Essas dimensões não aparecem isoladas. O casamento liga afecto, estatuto social, maternidade, economia e pertença; por isso, a ruptura conjugal exige simultaneamente novas leituras culturais e condições materiais de sobrevivência.

A categoria de protagonista é produtiva porque as personagens não apenas sofrem os acontecimentos: interpretam-nos e alteram o curso das relações. A focalização acompanha hesitações, perdas e contradições, evitando que a emancipação seja apresentada como acto instantâneo. Totonya procura inicialmente recuperar Quim; Rami persegue Tony e enfrenta as parceiras. Somente após esses percursos ambas deslocam a questão da posse do marido para a preservação da vida e da dignidade.

As diferenças entre os romances impedem uma conclusão uniforme. A experiência de Totonya é marcada pela violência física directa e culmina no afastamento. A de Rami concentra-se na poligamia informal e culmina na aliança entre as mulheres. O primeiro percurso enfatiza a segurança e o retorno; o segundo, a negociação, a redistribuição e a exposição pública. Ambos, contudo, fazem do cuidado com os filhos um motor da decisão.

Os resultados confirmam que tradição e modernidade não constituem blocos opostos. A modernidade urbana não impede violência, abandono ou dependência; do mesmo modo, os repertórios tradicionais não funcionam apenas como instrumentos de opressão. Redes de vizinhança, conselho, família e solidariedade oferecem conhecimentos e recursos, embora possam também invadir a intimidade e legitimar hierarquias.

Esta ambivalência aproxima-se da observação de Altuna (2014) sobre o papel das mulheres na transmissão cultural e do argumento de Oyěwùmí (2000) acerca da especificidade relacional das categorias familiares africanas. Ler “esposa” apenas como identidade feminina universal apagaria as posições de senioridade, maternidade e dependência que as narrativas colocam em tensão. Rami

apropria-se da posição de primeira esposa para proteger outras mulheres; Totonya recusa que o estatuto conjugal se sobreponha à integridade pessoal.

A escrita feminina torna visível essa disputa interna à cultura. Rosária da Silva e Paulina Chiziane não descrevem protagonistas exteriores às suas comunidades; mostram mulheres que conhecem, questionam e recombina códigos culturais. A tradição oral surge no diálogo, no conselho, na reunião familiar e na circulação de histórias, enquanto a escrita fixa conflitos que frequentemente permanecem no domínio privado.

O empoderamento depende de condições concretas. Totonya dispõe de profissão e experiência comercial; Rami converte a sua posição e os contactos com as parceiras numa rede económica. Em ambos os casos, a independência financeira reduz o poder disciplinador do marido. A emancipação aparece menos como discurso abstracto e mais como capacidade de alimentar os filhos, circular, decidir e constituir alianças.

A solidariedade feminina não é idealizada. Ela emerge depois de desconfiança, confronto e agressão. Essa passagem demonstra como a rivalidade é produzida pela gestão masculina da clandestinidade e da escassez. Quando as mulheres partilham informação, identificam interesses comuns e transformam a relação. A consciência colectiva nasce do reconhecimento de que nenhuma ocupa, de facto, a posição protegida prometida pelo casamento.

O estudo tem limites. O corpus inclui somente dois romances e não permite generalizar sobre a totalidade das literaturas ou sociedades de Angola e Moçambique. A análise privilegia as protagonistas e não examina de forma exaustiva narradores, linguagem, recepção ou personagens masculinas. Além disso, a comparação trabalha com edições específicas, e as citações devem ser relidas noutras edições antes de eventual reprodução editorial.

Embora as personagens sejam ficcionais, as obras participam do debate sobre violência doméstica e desigualdade de género. Em Angola, a Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Género e o Observatório de Género integram o quadro institucional de resposta e monitorização (Angola, 2013, 2024). A aproximação entre literatura e legislação não transforma o romance em prova sociológica; permite, porém, discutir como a ficção produz linguagem para experiências de vulnerabilidade frequentemente silenciadas.

No campo educativo, a leitura comparativa favorece uma abordagem transnacional das literaturas africanas de língua portuguesa, sem apagar diferenças históricas. Também permite tratar cultura como processo disputado, evitando tanto a romantização da tradição como a sua redução a causa única da opressão. A formação de leitores pode, deste modo, relacionar análise estética, memória, género e cidadania.

5. CONCLUSÃO

A escrita de autoria feminina dá uma visão global daquilo que são as inquietações que as mulheres a enfrentam no seu quotidiano, seja simplesmente como mulheres, mãe, sogra, filha ou como empreendedora e responsável pela sua vida profissional. As mulheres apresentadas nestas narrativas escritas por autoras contemporâneas da literatura angolana/moçambicana, trazem uma recriação do mundo feminino protagonizado por mulheres numa visão particular das vivências e anseios de acordo com a visão intransferível.

As duas obras aqui apresentadas, escritas por mulheres fortes, denunciam a injustiça social, que marginaliza as mulheres, nas sociedades angolana e moçambicana, demonstrando de que forma as regras da cultura tradicional entram em conflito com os tempos de uma modernização que os seus protagonistas representam.

A intersecção pela imbricação dos temas que confirma o jogo da diferença da actuação das personagens que se actualizam no contexto das narrativas entre a oralidade e a escrita, como deslocamento físico, por meio da travessia da memória.

Em Angola já existem diplomas que defendem e regulamentam algumas das atrocidades vividas por Totonya, onde personagens reais sofrem problemas socioculturais relacionados à violência doméstica.

Destaque-se, nesse contexto, o Decreto Presidencial nº222/13 de 24 de dezembro; que aprova a Política Nacional para Igualdade e Equidade, e o seu Regulamento que estabelece estratégias de implantação e monitoração. Além do Decreto Presidencial nº273/24, que cria o Observatório de Género de Angola, institutos esses que dão apoio às mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade.

A comparação demonstrou que as intersecções culturais se manifestam na articulação entre espaço, parentesco, religião, tradição oral, direito costumeiro e economia. Esses elementos podem

reforçar a subordinação ou oferecer instrumentos de negociação, conforme a forma como são mobilizados. Estudos futuros poderão ampliar o corpus, comparar recepções nacionais e aprofundar a relação entre voz narrativa, oralidade e transformação das personagens.

REFERÊNCIAS

- Almeida, Eduardo Augusto; Goés, Felipe. (2015). Entre a figura e o abstrato: instâncias do pensamento. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 19(52) Jan-Mar.
- Altuna, P. Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional bantu*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2014.
- Angola. Decreto Presidencial n.º 273/24 - Cria o Observatório de Género de Angola e a sua Unidade de Gestão, e aprova o seu Regulamento. Aprovado em 1 de nov de 2024. Disponível em: <<https://angolex.com/paginas/decreto-presidencial/cria-o-observatorio-do-genero-de-angola-a-sua-unidade-de-gestao-e-regulamento-273a-24a.html>>. Acesso em: Jun de 2025.
- Chabal, Patrick. (1994). *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega.
- Chiziane, Paulina. (2002). *Niketche. Uma História de Poligamia*. Lisboa: Caminho.
- Ferraz, Esperança Madalena Luieca. *Cultura e tradição em Niketche de Paulina Chiziane e Totonya de Rosária da Silva*. (2020). *Teses de Doutoramento*. Lisboa. FCSH (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa): DEPOR.
- Ferraz, Esperança Madalena Luieca. Personagens femininas nos ditames da tradição em Totonya. In: Tavares, Ana Paula; Fina, Rosa; Silva, Fábio; Bucaioni, Marco (coord). (2023). *Mulheres africanas em trânsito: homenagem a Alda Lara*. Coimbra: Edições Húmus e Autores.
- Ferreira, Manuel. (1989). *A emergência da intertextualidade afro-brasileira. O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano.
- Laranjeira, Pires. (1995). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Coimbra: Universidade Aberta.
- Leite, Lígia Chiappini Moraes. (1987). *O foco narrativo, ou, a polémica em torno da ilusão*. São Paulo: Ática.

- Margarido, Alfredo. (1980). Estudos sobre literatura das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Martinho, Ana Maria Mão de Ferro. (1994). Contos de África escritos por mulheres. Evora: Pendor.
- Martins, Catarina. Mulheres, raça e etnicidades: introdução aos feminismos deocoloniais. (2024) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Mata, Inocência; Padilha, Laura (Org.). (2018). A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri.
- Oyèwùmí, Oyeronké. Laços familiares /ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas. Tradução para uso didático: Aline Matos da Rocha. Signs: Feminisms at a Millennium. Summer, v. 25, 4 (2000), 1093-1098. Disponível em <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/> Acedido em jul. de 2025.
- Prodanov, Cleber Cristiano; Freitas, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- Rauen, Fábio José. Elementos de Iniciativa à pesquisa. Rio do Sul: Nova Era, 1999.
- Silva, Rosária da. (2014). Totonya. 3ª. ed. Sintra: Edições Oz.
- Tedeschi, Losandro Antonio. (2008). História das mulheres e as representações do feminino. Campinas: Curt Nimuendajú.
- Topa, Francisco. (2023). “Nesta turbulenta terra”: estudos de literatura angolana. Porto: Sombra pela cintura.